



Resenha

Revolução revisionista nos estudos vigotskianos

Revisionist revolution in Vygotsky studies

Eduardo Moura da Costa
Universidade Estadual Paulista
Brasil

Yasnitsky, A. & van der Veer, R. (Org.s) (2016). *Revisionist revolution in Vygotsky studies*. London and New York: Routledge.

A coletânea intitulada “Revolução revisionista nos estudos vigotskianos”, organizada por Anton Yasnitsky e René van der Veer, publicada em 2016, tem como objetivo central rever algumas “narrativas vigotskianas” amparadas em erros históricos e textuais que teriam levado a problemas interpretativos desse autor. Alex Kozulin, logo no prefácio, alerta o leitor que ele está entrando em um território contestado, mas que os textos têm o mérito de trazer uma análise ideológica e social detalhada de um período relevante da história soviética. E é justamente isso que os autores da coletânea nos apresentam, isto é, questões polêmicas que rediscutem vários aspectos relacionados ao círculo teórico formado ao entorno de L. S. Vigotski.

Para compreendermos o contexto social e político e suas implicações para a produção científica de Vigotski, bem como para os problemas surgidos no processo de divulgação e interpretação de suas obras, Anton Yasnitsky abre a coletânea com o objetivo de dar ao leitor uma visão geral de como a ciência psicológica se desenvolveu na antiga União Soviética. O cerne da discussão é apontar que os mecanismos institucionais criados no período pós-revolucionário, principalmente impactado pelas políticas stalinistas de controle total da produção científica, se perpetuaram mesmo após o fim do bloco. As práticas que se perpetuaram foram: centralização e controle, o corporativismo, o ritualismo, o fosso entre teoria e prática, o isolamento intelectual e linguístico e o culto de certas figuras históricas. Apesar disso, a Psicologia teve vitórias institucionais como a entrada no currículo, criação de publicações, prêmios e cargos dentro das agências estatais.

Após esse pano de fundo social e político, Anton Yasnitsky já tem condições de nos levar a compreender seus argumentos que questionam a narrativa recorrente que atribui a existência da *troika*, isto é, o grupo composto por Vigotski, Leontiev e Luria. O autor argumenta, a partir de provas documentais, que existiu na verdade um Círculo Vigotski-Luria, contribuindo para a tese do afastamento teórico entre Leontiev e Vigotski.



Vale apontar que é inegável que Leontiev colaborou com Vigotski, apesar de todas as polêmicas envolvendo a dissolução da relação entre os dois psicólogos. Yasnitsky, na tentativa de provar sua tese sobre a existência do círculo Vigotski-Luria, omitiu o fato de que Vigotski incluiu Leontiev em várias discussões referentes à formulação da Teoria Histórico-Cultural, como podem ser constatadas nas cartas de Vygotsky (2007). Por exemplo, em carta endereçada a Leontiev, em julho de 1929, Vigotski comenta sobre alguns erros cometidos por Luria no livro "Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança", e diz: "Estou contando firmemente com sua iniciativa para acabar com eles [erros cometidos por Luria e Zankov]" (Vygotsky, 2007, p. 26, tradução nossa). Em outra carta, endereçada à Bozhovich, Levina, Morozova, Slavina e Zaporozhets, datada de abril de 1929, Vigotski afirma que os cinco estavam se juntando ao caminho que estava sendo trilhado por ele, Luria e Leontiev. Já em carta enviada a Luria, em julho de 1932, Vigotski afirma que seus experimentos na Ásia central estão no caminho certo, assim como ele e Leontiev também estariam. Em outras cartas endereçadas a Leontiev, Vigotski expressa diferentes preocupações em relação a problemas teóricos, sobretudo em relação à adoção do método instrumental e a necessidade de integração das funções psicológicas em um sentido cultural. Por fim, queremos dizer que existem muitas provas sobre o afastamento entre Vigotski e Leontiev, tanto do ponto de vista pessoal quanto teórico, como o próprio Yasnitsky aponta. Apesar disso, em nossa opinião, os argumentos sobre a inexistência de uma colaboração entre os dois autores não se sustentam.

De forma complementar a argumentação anterior, Jennifer Fraser e Anton Yasnitsky têm como objetivo, no terceiro capítulo, desconstruir a narrativa do "banimento de Vigotski" na União Soviética. O núcleo desse banimento seria a ausência de publicações dos textos de Vigotski durante vinte anos, entre 1936 e 1956. A supressão da Pedologia¹ pode ter sido um possível culpado para o banimento. É esclarecido que apesar da ausência de publicações, seu nome não foi evitado em vários fóruns públicos importantes. Apesar de evidenciar que a história sobre o banimento pode ter sido propagada de forma laudatória e ter carecido de fontes documentais, ao final os autores constatam, a partir de descobertas recentes, que de fato algumas obras foram banidas oficialmente, ao que tudo indica, principalmente por fazerem referência a Trótski.

Na sequência, René van der Veer e Anton Yasnitsky deslocam o tema das relações políticas e pessoais para a obra de Vigotski. Eles tiveram como propósito dar uma visão geral do estado da arte a respeito do seu legado bibliográfico. Os autores destacam o fato de ainda não existir um estudo rigoroso do que Vigotski publicou. Os que existem seriam falhos. Ao cruzar as bibliografias escritas pelo próprio Vigotski, chegou-se a quatro textos que na opinião dos autores do capítulo seriam o núcleo do seu pensamento: 1) *Thinking and speech*

¹ Segundo o autor do capítulo, a pedologia era conhecida no início do século XX como a ciência do desenvolvimento infantil. Seu foco era gerar conhecimentos para serem utilizados nas instituições educacionais. Vigotski foi considerado um dos líderes dessa ciência na URSS. Ela foi banida da União Soviética em 1936.



(1934); 2) *Foundations of pedology*; (1934/5); 3) *Mental development of children in the process of learning and instruction* (1935); 4) *The mentally retarded child* (1935). Uma possível falha de tal proposição é o fato de que Vigotski pode não ter citado algumas obras em sua bibliografia não porque as considerasse menores, mas em razão das críticas que vinha sofrendo durante a década de 1930². Infelizmente, com exceção da primeira obra, o restante não foi incluído nas obras completas e permanecem inéditas mesmo em inglês.

O trabalho com arquivos pessoais é de extrema importância para a história da Psicologia, pois podem ser úteis para reconstruirmos o desenvolvimento de uma dada teoria, sobretudo no que diz respeito aos problemas e dilemas teóricos encontrados pelos pesquisadores ao longo de sua trajetória. É isto que Zavershneva (2016a, 2016b) nos apresenta nos capítulos quinto e sexto. Além de serem úteis em evidenciar a construção da teoria histórico-cultural, o trabalho com os arquivos de Vigotski tem o mérito de procurar escritos desconhecidos, reconstruir textos anteriormente publicados sob censura e construir uma bibliografia completa de seus textos. Dentre os vários manuscritos, a autora chama a atenção para um caderno datado de 1932. Neste caderno estaria uma síntese dos principais problemas enfrentados pelo autor até aquele período. Os principais assuntos tratados foram: o problema da consciência, o problema psicofísico (relação entre corpo e mente), críticas a Alexei Leontiev e Kurt Lewin e o plano de escrita de um livro que teria como título “Sobre a questão do estudo da consciência”. Infelizmente, a morte precoce do autor interrompeu esse plano e a obra “Pensamento e Linguagem” foi apenas um prolegômeno para ela.

Os problemas levantados por Vigotski, juntamente com críticas a seus colegas e a sua própria teoria, segundo Zavershneva (2016b), marcam uma virada para uma nova teoria psicológica que viria a ser elaborada pelo psicólogo bielorusso. Segundo a autora, esta nova fase teria como norte o entendimento da consciência como sendo resultado da dinâmica do sistema semântico. Seu foco de estudo foi deslocado do problema do significado para o problema do sentido. No final de sua vida houve ainda uma nova modificação do seu objeto, que recaiu no problema da “experiência emocional” (*perezhivanie* em russo), entendida por ele como unidade de análise da consciência e da personalidade.

No sétimo capítulo, René van der Veer e Anton Yasnitsky discutem alguns problemas advindos da expansão da ciência vigotskiana para fora na União Soviética. Os autores apontam que entre 1930 e 1940 Vigotski ainda não tinha se tornado uma figura internacional. Pesquisadores da França, Inglaterra e Canadá foram os primeiros a estabelecer conexão com os psicólogos soviéticos. Os ingleses se tornaram os primeiros grandes divulgadores das obras Vigotski, publicando uma grande leva de textos dele e de outros autores, incluindo muitas obras de Luria, durante a década de 1960. Dois eventos teriam contribuído com a mudança dramática de popularidade de Vigotski no final da década de 1970. A publicação

² Para uma visão detalhada destas críticas, consultar Toassa (2016).



do livro *Mind in Society*³, foi o primeiro. O segundo fator foi a publicação de uma resenha escrita pelo filósofo inglês Stephen Toulmin, na qual ele afirmou que Vigotski seria o “Mozart da Psicologia”. Ao final, os autores discutem os principais problemas encontrados nas obras vigotskianas que foram divulgadas no ocidente. Eles seriam: imprecisões, supressão de termos e passagens, supressão de nomes, citações suprimidas ou não identificadas e inserções. Os autores aconselham que os novos tradutores devam ficar atentos a esses problemas com vistas a suprimi-los em publicações futuras.

O oitavo capítulo da obra, de autoria de Eli Lamdan e Anton Yasnitsky, trata da controvérsia envolvendo os experimentos realizados por Alexander Luria e Kurt Koffka nas expedições à Ásia Central, no início da década de 1930. Para Luria, o desenvolvimento sócio-econômico determinaria o desenvolvimento psicológico. Nesse sentido, a interpretação que ele fez dos experimentos sobre percepção teriam corroborado essa tese. Segundo ele, aqueles sujeitos que não sofriam ilusão óptica, não apresentaram tal fenômeno porque viviam em áreas pouco desenvolvidas. Koffka, que tinha o objetivo de encontrar as leis universais da percepção e assim fundamentar a Psicologia da Gestalt, constatou que os experimentos realizados com habitantes de regiões do Usbequistão não diferiram daqueles obtidos com habitantes europeus. Koffka interpretou que a ilusão óptica não ocorria quando os sujeitos sentiam desconfiança em relação ao experimentador. Os autores do texto apontam que Vigotski e Luria teriam falhado em compreender que o contexto de instabilidade político e social da região poderia ter comprometido as situações experimentais.

O texto peca em se centrar em apenas um tipo de teste e ignorar que o próprio Luria (1992) destacou a não utilização de testes padronizados e o uso de “sessões experimentais” justamente para não deixar os sujeitos desconfiados e perplexos. Além disso, os autores não discutem que Luria chega aos mesmos resultados encontrados na expedição por meio de outras formas de experimentos (Luria, 1976, 1986), além de apontar que outros autores como Rivers, Alpor e Deregowski também observaram o mesmo fenômeno.

Na sequência, ainda tocando da relação entre a Psicologia Histórico-Cultural com a Psicologia da Gestalt, Anton Yasnitsky discute o início de uma “bela amizade” entre os membros dessas duas correntes teóricas. Segundo o autor, pouco se tem dito sobre a relação entre o grupo de Kurt Lewin e o “círculo de Vigotski”. Os primeiros contatos entre os grupos teriam ocorrido a partir da segunda metade da década de 1920. Apesar de não existir comprovação documental, é lançada a hipótese que durante as viagens de Luria e Vigotski, para regiões da Europa e Estados Unidos, eles teriam se encontrado com Kurt Koffka, Wolfgang Kohler e Max Wertheimer. Inicialmente, os membros do grupo de Vigotski e Luria replicaram os experimentos de Kohler durante o “período instrumental” da década de 1920

³ Vigotski nunca escreveu um livro com tal título. Os próprios editores atestam para o fato de que não é uma “tradução literal, mas, sim, uma tradução editada da qual omitimos as matérias aparentemente redundantes e à qual acrescentamos matérias que nos pareceram importantes no sentido de tornar mais claras as idéias de Vigotski” (Cole, John-Steiner, Scribner, & Souberman, 2007).



com o objetivo de investigar a inteligência prática das crianças. Nesse movimento de aproximação alguns textos dos gestaltistas foram publicados em russo. Como prova da relação entre os grupos, vários discípulos de Kurt Lewin teriam ido para União Soviética ou contribuído com a divulgação das obras de Vigotski nos Estados Unidos. O paradigma holístico estava sendo buscado na URSS no início de 1930 e o trabalho de Lewin foi uma importante teoria para o círculo de Vigotski.

Como ressalva ao capítulo, podemos apontar que o leitor pode ficar com a impressão de que a tentativa de comprovar uma relação entre os dois grupos soa forçada em alguns momentos. O autor dá muito mais enfoque nas fontes externas de contato (publicações, cartas, encontros pessoais, por exemplo) do que justificativas do ponto de vista teórico. Apesar de apontar as críticas de Vigotski à Psicologia da Gestalt, Yasnitsky as ignora mencionando que mesmo assim continuaram a ocorrer intercâmbios entre pesquisadores das duas escolas. Em suma, nos parece que as duas teorias estavam muito mais ligadas em combater um bem comum, isto é, a psicologia empirista vultar, subjetivista, vitalista, positivista e reducionista⁴, do que de fato em seus programas teóricos.

A seção final da obra é circunscrita ao seu epílogo. Nele Anton Yasnitsky e René van der Veer tiveram como objetivo discutir a tradução de certos conceitos psicológicos para o inglês. Em razão da diferença entre as tradições europeia e norte-americana de ciência, alguns termos não foram traduzidos em sua profundidade da mesma forma que psicólogos alemães e soviéticos os utilizavam. O termo significado, por exemplo, se transformou em “informação” e “conhecimento”. Seu real significado teria se perdido na tradução feita pela psicologia cognitiva, influenciada pelo jargão cibernético. Já consciência não seria a mesma coisa que “mente” e não teria um derivativo em inglês, fato que poderia fazer tal termo denotar uma entidade estática. Em suma, os autores apontam que as traduções limitariam a visão das funções psicológicas humanas se comparados com tradição europeia continental, Russa e Alemã. Em relação a situação das publicações nacionais, vale mencionar que importamos esses problemas das traduções norte-americanas⁵.

Ao final, os organizadores da coletânea ainda apresentam uma bibliografia definitiva dos trabalhos de Vigotski que seria a mais completa até o momento. Por fim, esperamos que essa resenha contribua para que a obra apresentada seja traduzida e publicada rapidamente, pois ela traz importantes achados para o campo dos estudos vigotskianos, mesmo que alguns ainda necessitem de novas pesquisas e revisões futuras.

⁴ O próprio autor do capítulo aponta que Vigotski destacou esse fato ao introduzir um livro de Koffka publicado na Rússia.

⁵ Para uma análise detalhada dos problemas de tradução dos trabalhos de Vigotski, consultar Prestes (2010).



Referências

- Cole, M., John-Steiner, V., Scribner, S. & Souberman, E. (Org.s). (2007). Prefácio dos organizadores da obra. Em L. S. Vigotski. *A formação social da mente* (7a ed., pp. 3-4) (J. C. Neto, L. S. M. Barreto & S. C. Afeche, Trad.s). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1978).
- Luria, A. R. (1976). *Cognitive development: its cultural and social foundations* (M. Lopez-Morillas & L. Solotoroff, Trad.s). Cambridge, Estados Unidos da América: Harvard University Press. (Original publicado em 1974).
- Luria, A. R. (1986). *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria* (D. M. Lichtenstein & M. Corso, Trad.s). Porto Alegre: Artes médicas. (Original publicado em 1979).
- Luria, A. R. (1992). *A construção da mente* (M. B. Cipolla, Trad.). São Paulo: Ícone. (Original publicado em 1979).
- Prestes, Z. R. (2010). *Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: Repercussões no campo educacional*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Toassa, G. (2016). Nem tudo que reluz é Marx: críticas stalinistas a Vigotski no âmbito da ciência soviética. *Psicologia USP*, 25. Recuperado em 08 de setembro, 2016, de dx.doi.org/10.1590/0103-656420140138
- Vygotsky, L. S. (2007). In memory of L. S. Vygotsky (1896-1934). L. S. Vygotsky: Letters to students and colleagues. *Journal of Russian and East European Psychology*, 45(2), 11-60.
- Zavershneva, E. (2016a). Vygotsky the unpublished: an overview of the personal archive (1912-1934). Em A. Yasnitsky & R. van der Veer (Org.s). *Revisionist revolution in Vygotsky studies* (pp. 94-125). New York: Routledge.
- Zavershneva, E. (2016b). "The way to freedom": Vygotsky in 1932. Em A. Yasnitsky & R. van der Veer (Org.s). *Revisionist revolution in Vygotsky studies* (pp. 127-137). New York: Routledge.

Nota sobre o autor

Eduardo Moura da Costa é psicólogo, mestre em psicologia e doutorando em psicologia pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (FCL/Unesp-Assis). E-mail: eduardomcbr@yahoo.com.br

Data de recebimento: 10/10/2016

Data de aceite: 20/10/2016